



## LÓGICA FRAGMENTÁRIA E PRÁTICAS ESPACIAIS: OS SIGNIFICADOS DO HABITAR EM CIDADES MÉDIAS DA BAHIA-BRASIL

Rizia Mendes Mares <sup>1</sup>

### RESUMO

A intensificação na implementação de habitats residenciais fechados em cidades médias da Bahia tem alterado não apenas a estrutura espacial dessas cidades, como também, vem ressignificando o conteúdo da vida por alterar a experiência urbana por uma densificação nos processos de diferenciação e desigualdade socioespaciais. A partir das práticas espaciais do habitar, objetivamos analisar a produção do espaço urbano em cidades médias da Bahia, especificamente, Feira de Santana e Vitória da Conquista e a aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Nossa hipótese é se, para esse nível hierárquico, a dimensão do habitar pode ser reveladora de um aprofundamento ou superposição de novos processos, se comparados ao tradicional modelo de cidade dual, centro-periferia e se pode ser indicativo de uma relação entre continuidade e descontinuidade de processos anteriores iniciados na urbanização fordista, mas, aprofundadas na contemporaneidade pelo neoliberalismo ou se, de fato, há indícios de uma ruptura com processos e modelos precedentes para a ocorrência de outro referencial que considere uma lógica fragmentária na produção destas cidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em geografia, trabalhando com o universo de 39 sujeitos entrevistados com os quais nos aproximamos da dimensão do vivido através do Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais como um modo de compreender e operar o conceito de representação na análise da vida cotidiana. Entendemos tratar-se de um modo de apreender as representações que permeiam a prática espacial dos sujeitos sociais como movimento, indo além de análises estritamente econômicas e considerando que a fragmentação também está nas representações dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Produção do espaço, Cotidiano, Representações, Fragmentação.

### RESUMEN

La intensificación en la implantación de hábitats residenciales cerrados en las ciudades medias de Bahía ha alterado no sólo la estructura espacial de estas ciudades, sino que también ha ressignificado el contenido de la vida al cambiar la experiencia urbana a través de una densificación en los procesos de diferenciación y desigualdad socio-espacial. A partir de las prácticas espaciales del habitar, se pretende analizar la producción del espacio urbano en ciudades medias de Bahía, concretamente, Feira de Santana y Vitória da Conquista y la aglomeración urbana Ilhéus-Itabuna. Nuestra hipótesis es si, para este nivel jerárquico, la dimensión de la vivienda puede ser reveladora de una profundización o superposición de nuevos procesos, si se compara con el modelo tradicional de ciudad dual, centro-periferia y si puede ser indicativa de una relación entre continuidad y discontinuidad de procesos anteriores iniciados en la urbanización fordista, pero, profundizados en la contemporaneidad por el neoliberalismo o si, de hecho, hay indicios de una ruptura con procesos y modelos anteriores para la ocurrencia de otro referencial que considere una lógica fragmentaria en la producción de estas ciudades. Se trata de una investigación cualitativa en geografía, trabajando con el universo de 39 sujetos entrevistados con los que

---

<sup>1</sup> Doutoramento no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP Processo:18/12685-1). Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CEP): 14338119.8.0000.5402. Contato: r.mares@unesp.br



abordamos la dimensión de lo vivido a través del Conjunto de Herramientas Metodológicas de Representación como forma de entender y operar el concepto de representación en el análisis de la vida cotidiana. Lo entendemos como una forma de aprehender las representaciones que impregnan la práctica espacial de los sujetos sociales como movimiento, superando el análisis estrictamente económico y considerando que la fragmentación está también en las representaciones de los sujetos.

**Palabras clave:** Producción del espacio, Vida cotidiana, Representaciones, Fragmentación.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a produção de cidades médias no estado da Bahia, região Nordeste do Brasil, especificamente, Feira de Santana e Vitória da Conquista e a aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, nas quais a análise da produção do espaço urbano, ao lidarmos com as práticas espaciais do habitar de moradores de habitats residenciais fechados, tem revelado a busca de segmentos socioeconômicos específicos pela apartação social e espacial.

Tais empreendimentos, os habitats residenciais fechados, são por nós entendidos como condicionadores e meio estratégico dos promotores imobiliários e Estado na atração, seleção e venda de novos produtos imobiliários, ressignificando o conteúdo da vida na cidade por alterarem a experiência urbana. Temos como hipótese que a relação entre forma-processo-significado expressa a ideia de qualidade de vida, acessível pela aquisição de moradia em ambientes urbanos murados, com rígidos controles de segurança e infraestrutura externa que simulam a esfera pública em espaços de convivência programados no interior desses ambientes privados nos quais desenrolam relações de sociabilidade, lazer etc.

Neste artigo, o objetivo é analisar se esse modo de produzir a cidade tem fortalecido uma divisão social nas referidas cidades baianas a ponto de reproduzir novas separações nas estruturas urbanas e, principalmente, nas relações entre os cidadãos, passando a compor as suas subjetividades, e se isso pode ser representativo de um novo tipo de rearranjo socioespacial da cidade com base nos modos de habitar, com ruptura do tecido urbano e complexificação das relações de sociabilidade.

A perspectiva de análise sobre o processo de diferenciação e a lógica fragmentária, com as manifestações da desigualdade delineadas em algumas cidades médias da Bahia, é a de que tais processos sejam vistos em sua relação com a realidade brasileira de modo



mais imediato e o mundo urbano, em um complexo movimento de articulação escalar, ou seja, desde uma concepção de Método que lide com as dimensões do geral, particular e singular e com a relação do todo com as partes.

## METODOLOGIA

Com o objetivo de adentrar às dimensões da vida cotidiana por meio das práticas espaciais do habitar dos moradores que residem em habitats residenciais fechados, reforçamos o papel das representações no processo de produção e apropriação do espaço citadino, entendendo que a realidade que se deseja alcançar pela análise das práticas espaciais desses moradores trata-se de uma representação da realidade localizada nas e pelas operações da vida cotidiana (LEFEBVRE, 1981). Os instrumentos metodológicos que nos fundamentam e nos permitem avançar da lógica formal racional da produção destas cidades a outras dimensões mais subjetivas e simbólicas conformam o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais, gerado com base em um roteiro de entrevista semiestruturada, um croqui, palavras-sínteses (categorização) e uma metáfora (Figura 1):

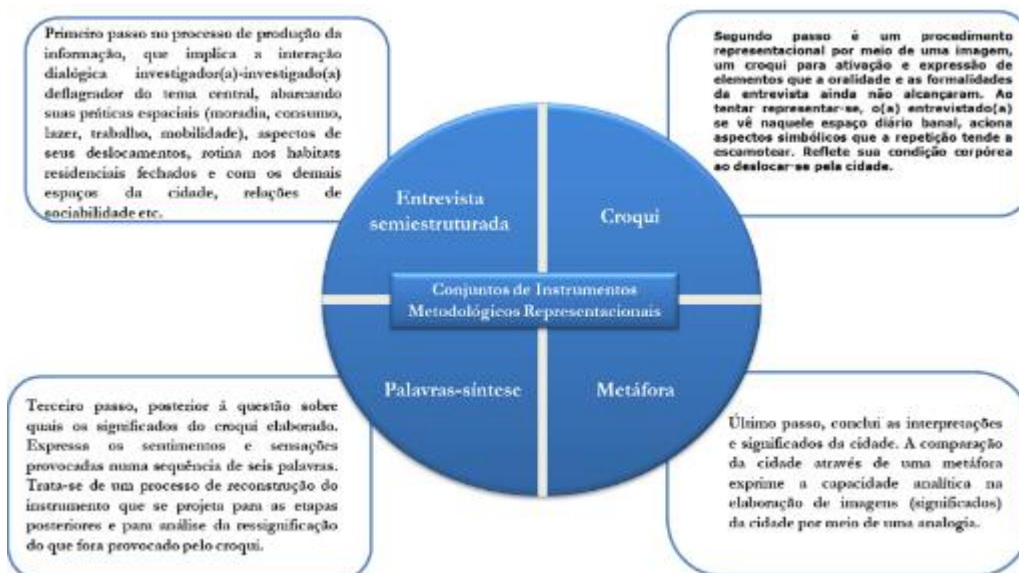


Figura 1. Metodologia da Pesquisa. Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais.

Para o debate proposto neste texto, trabalhamos com o universo de 21 moradores acessados em 15 habitats residenciais fechados (Figuras 2, 3 e 4), com os quais desenvolvemos o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais. Além de contar com análise complementar de 18 entrevistas feitas a agentes bem-informados nas



quatro cidades citadas, totalizando 39 sujeitos entrevistados. Em atendimento às normativas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-FCT/UNESP), todas as pessoas entrevistadas têm sua identidade preservada. Para isso, adotamos nomes fictícios para fazer referência aos mesmos ao serem citados no texto. A pesquisa foi validada e registrada na Plataforma Brasil sob número: CAAE 14338119.8.0000.5402.

Essa metodologia tem nos permitido lidar com as dimensões da tríade espacial Lefebvriana (2013) acessando aquilo que se projeta sobre o espaço dessas cidades, das operações que criam/reproduzem as práticas espaciais desses moradores reveladas nas e pelas suas representações. A reflexão sobre os usos da Cidade, das relações e operações entrelaçadas pelo valor de troca, com redução do valor de uso, lidos desde esses habitats residenciais fechados, tornados pelo marketing imobiliário o referencial em ternos de vida urbana, leva-nos a refletir e repensar o direito à cidade na atualidade e avaliar as condições de restituição deste projeto societário.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

As diversas faces de ocorrência da urbanização, econômica, política, cultural, têm motivado uma produção distinta do espaço, assim como, um padrão de organização mais complexo, o que, para Trindade Jr (2009), tem tensionado não apenas as formas da cidade, mas também seu conteúdo, admitindo um processo de diferenciação na produção espacial. Esse caráter diferenciado e desigual de produção do espaço possibilita-nos o reconhecimento de formas urbanas diversas e, sobretudo, dos processos verificados na dinâmica das cidades, especialmente as médias aqui destacadas, tanto no plano regional como também, de sua importância no contexto nacional.

O sistema urbano no Brasil resulta de uma estrutura econômica colonial que concentrou a urbanização pelo litoral e, paulatinamente, foi se interiorizando pelo território, assim como o próprio processo de urbanização, complexificando, assim, a rede urbana (MIRANDA; BITOUN, 2009). Como consequência, os autores apontam a constituição de um conjunto expressivo de cidades médias, consideradas como pontos de difusão de inovações para áreas mais distantes, estas que, para Whitacker (2013), possuem uma dependência de sua situação (absoluta e relativa) no sistema urbano.

Os processos e formas espaciais resultantes de tais mudanças ao longo do tempo histórico se diferem em cada contexto específico refletindo as desigualdades



socioespaciais no espaço. Para Vasconcelos (2013) as formas são modificadas mediante a ocorrência de alguns fatores, como mudanças na economia, globalização, neoliberalismo, migrações (nacionais/internacionais) e atuação dos movimentos sociais, os quais criam, constantemente, novas desigualdades. As diferenças sociais e espaciais são imprescindíveis ao capitalismo, tais diferenças são, simultaneamente, produto, meio e condição para o funcionamento e reprodução do sistema capitalista (CORRÊA, 2007).

Nas últimas décadas, o espaço nacional passou por profundas e extensas modificações, motivadas, principalmente, segundo Santos (2013), pela modernização através de distorções e rearranjos variáveis a depender do contexto, mas que se deu em todo o território brasileiro. De modo mais geral, as transformações correlatas, sobretudo à economia, têm como elementos essenciais crise econômica, reestruturação da indústria, expansão das atividades de serviços e da produção de alta tecnologia, que alteraram profundamente a organização territorial do capitalismo contemporâneo expressando nova organização das cidades (BENKO, 2002).

Conforme apontamentos de Santos (2013), a prática da modernização, fundamentada em uma ideologia de crescimento, gerou no território, de modo amplo, e nas cidades, de modo específico, as bases de atuação das grandes corporações em detrimento das de menor porte e da população como um todo. Como resultado, presenciou-se uma exponencial geração de riqueza concentrada e, concomitantemente, uma demasiada produção de pobreza. Além de um conteúdo distinto produziu, também, formas diferenciadas na e entre as cidades.

Na Bahia, desde meados da década de 1950, são implementadas políticas modernizadoras pelo Estado promovendo transformações no território baiano e uma transição econômica de um perfil agrário-exportador para uma economia urbano-industrial. A partir da década de 1990, outras medidas modernizadoras foram adotadas no estado via tendências neoliberais de uma economia globalizada, estreitando a relação com setores privados, empresas e indústrias, diversificando ainda mais o perfil econômico (SILVA; FONSECA, 2007). Outra tendência passa a ser expressiva na Bahia, principalmente a partir dos anos 2000, quer seja, a dinâmica imobiliária tendo com destaque para as cidades que investigamos, nas quais verifica-se expressivo incremento de empreendimentos imobiliários com funções residenciais, valorização de imóveis e de áreas, somadas as estruturas espaciais de consumo.



Em pesquisas recentes sobre a produção habitacional nestas cidades, Araújo (2015), Figueiredo (2019), Santos (2019), Mares (2019), Rangel e Thevenin (2018) destacam a valorização fundiária, o aumento da especulação imobiliária e emprego de estratégias locacionais, intensificando a concentração espacial de grupos de médio e alto padrão de renda em áreas específicas da cidade, para implementação dos empreendimentos, assim como, o seu oposto: camadas populares sendo cocentradas em áreas também específicas das cidades.

Identificamos um processo de expansão territorial em que as lógicas de localização e ocupação operadas pelo Estado e agentes imobiliários vêm ressignificando a produção habitacional e subjugando as cidades a uma produção financeirizada. Trata-se de uma mudança no significado da moradia, que deixa de ser um direito atribuído de diferentes formas e via Estado para ser uma mercadoria consumida individualmente, sob atuação do capital financeiro, isto é, um ativo financeiro (ROLNIK, 2015). Lidamos, assim, com a contradição do habitar x habitat (LEFEBVRE, 2008).

Habitat é um conceito amplo e designativo de dimensões mais alargadas que a moradia *per se*. Abarcaria o espaço que abrange a vida urbana no nível do espaço residencial, como aludido no Dicionário do Imobiliário (1996). Trata-se de um “quadro e as condições de vida de uma população” (MERLIN; CHOAY, 1988, p. 329). O habitat seria expressivo quando a ideologia e a prática chegam ao ponto da repressão daquilo que Lefebvre (2008) chamou de características elementares da vida urbana, à exemplo, a diversidade de modos de vida, padrões, modelos e valores associados ao movimento da cotidianidade.

Logo, os habitats residenciais fechados, bem como, as correspondentes práticas espaciais do habitar, estão inseridas numa lógica de programação da vida cotidiana e produzidas pela lógica de consumo. Isso porque os habitats residenciais fechados analisados são, portanto, produzidos por uma racionalidade que faz culto, num campo, à estética e à imagem e, noutro campo complementar, à padronização de ações e atos e ao individualismo, sendo, assim, marcas da “sociedade burocrática de consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991, p. 79).

Para Sposito (2019), é necessário avançar do ponto de vista das formas urbanas para o plano dos processos pela existência de formas espaciais associadas à separação não circunscrita ao espaço residencial, abarcando outras dimensões da vida urbana. Para ir além da dimensão residencial e compreender a cidade em sentido amplo a autora defende



o uso do conceito de fragmentação socioespacial, “que não se refere exclusivamente à disposição dos usos sobre o espaço, nem apenas às relações sociais que o engendram, mas também às ações e às práticas que se concretizam e dão novos sentidos aos múltiplos fragmentos que compõem a cidade atual.” (SPOSITO, 2019, p. 21).

Além disso, Legroux (2021) destaca a necessidade de um método para interpretar a fragmentação socioespacial. Em nosso entendimento, para adentrar ao domínio dos fatos sociais, das suas particularidades e significações da vida cotidiana isso pode ser feito através da Teoria das Representações, como um caminho interpretativo da realidade e que dá ao cotidiano os significados para analisar a configuração da realidade social, ao conceber a representação como um meio de reconhecer e revelar mazelas, entender como se constituem as desigualdades socioespaciais, razão e expressão dos modos de uso e apropriação do espaço urbano e essência estruturante da nossa sociedade.

O universo das representações da realidade insere-se no cotidiano, o que aumenta em demasiado a complexidade espaço-temporal para compreendê-lo, bem como a necessidade de não apenas esperar pelo resultado dessa compreensão, mas, principalmente, considerar o caminho que fazemos ao desvelar as relações cotidianas. Isso porque o cotidiano não se encerra em uma forma nem no estrito presente como tendencialmente o analisam. O universo das representações está imbuído de significantes que, sem contextualização espaço-temporal, são passíveis de tornar-se mistificadores. Aquilo que se nomeia e se re-apresenta no e sobre o cotidiano não tem nenhuma neutralidade. Trata-se, justamente, da força de uma representação, pois, o discurso, numa face dupla, explica, ao passo que empobrece o âmbito dos significados, evidencia e esconde o não dito e o que é nomeado “contando que afaste a acepção corrente que reserva o nome símbolo para os emblemas e fetiches, a função simbólica é inseparável do discurso na medida em que implica sempre imperativos, regras sociais, interdições, promessas, crenças ou adesões” (LEFEBVRE, 1966, p. 104).

Mais ainda, quando nos referimos às particularidades desse processo em países como o Brasil, periferia do capitalismo, as formas que dele se originam são derivativas de um histórico social, econômico, étnico-racial, político e cultural que têm a diferenciação e a desigualdade como latentes em seu processo constitutivo. Nesse sentido, também importa considerar a história de cada tipo urbano, os modos diferentes de diferenciação, tanto entre cada eles como no interior de cada cidade, já que a distribuição de pessoas no espaço não se realiza apenas em função do econômico, mas, também, por



condicionantes sociais e culturais, como uma história que se espacializa (SPOSITO, 2019).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão sobre a produção de cidades na Bahia, considerando a atuação de agentes produtores do espaço, sobretudo, o Estado e os promotores imobiliários e fundiários, possibilita identificar as lógicas econômicas empreendidas nesse processo, bem como, as estratégias espaciais para implementação dos habitats residenciais fechados, reveladoras da intrínseca relação entre a iniciativa privada e o Estado. Logo, é um ponto de partida escolhido para esta análise, ainda que entendamos haver um processo dialético de inter-relação e codeterminação articulando processos, formas, estrutura, conteúdo e significados.

Uma das frentes possíveis é a ação imobiliária na produção das cidades identificadas, tanto no que diz respeito ao que orienta a ação desses agentes, quanto a tomada de decisão em si para implementação dos habitats residenciais fechados em cada tipo urbano selecionado, duas cidades médias, Feira de Santana e Vitória da Conquista, e uma aglomeração urbana, Ilhéus-Itabuna (Figuras 2,3 e 4).

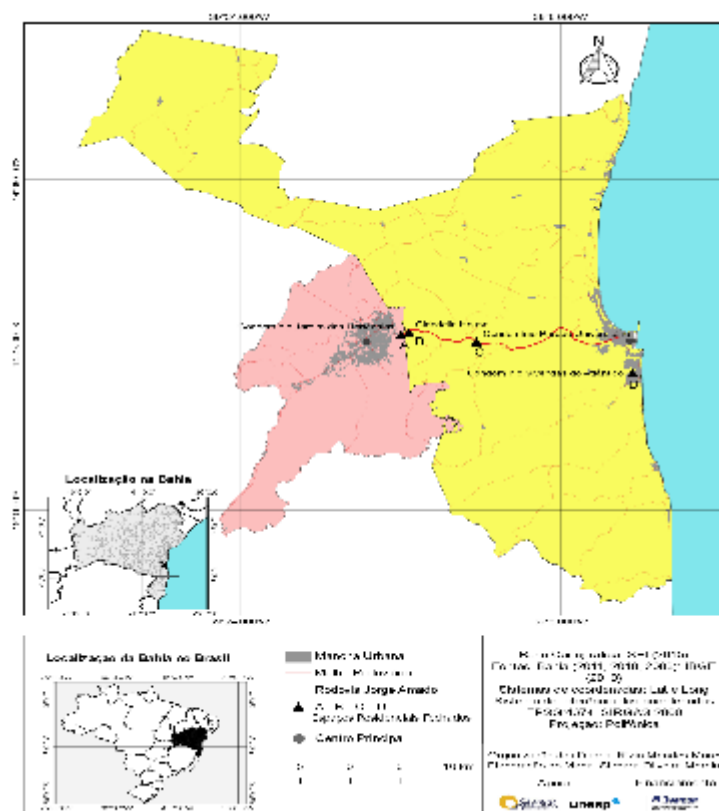


Figura 2. BAHIA. Aglomeração Urbana Ilhéus-Itabuna. Localização dos habitats residenciais pesquisados. Trabalho de campo, 2019.



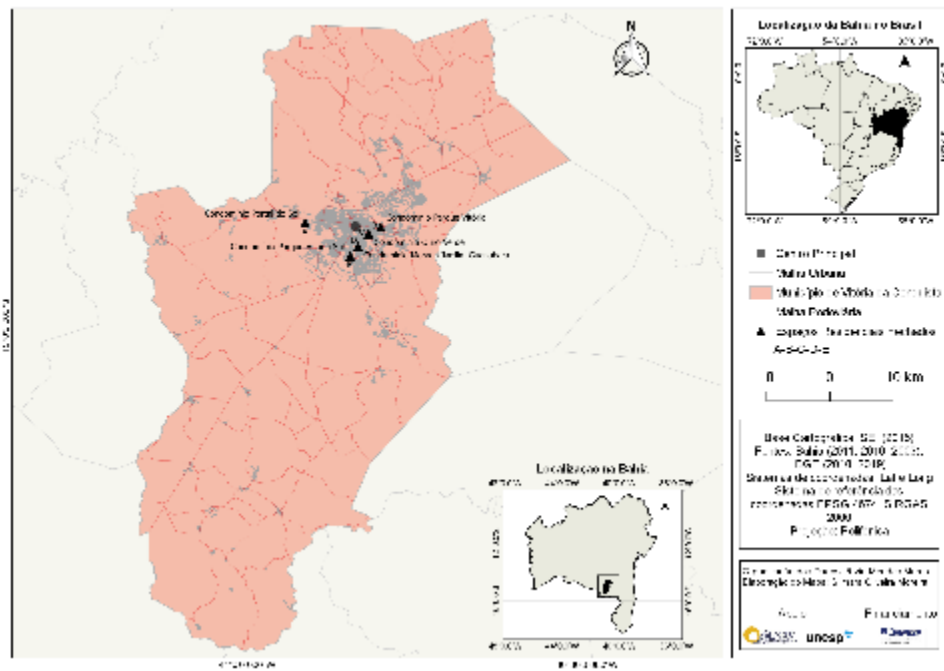


Figura 3. BAHIA. Cidade Média Vitória da Conquista. Localização dos habitats residenciais pesquisados. Trabalho de campo, 2019.

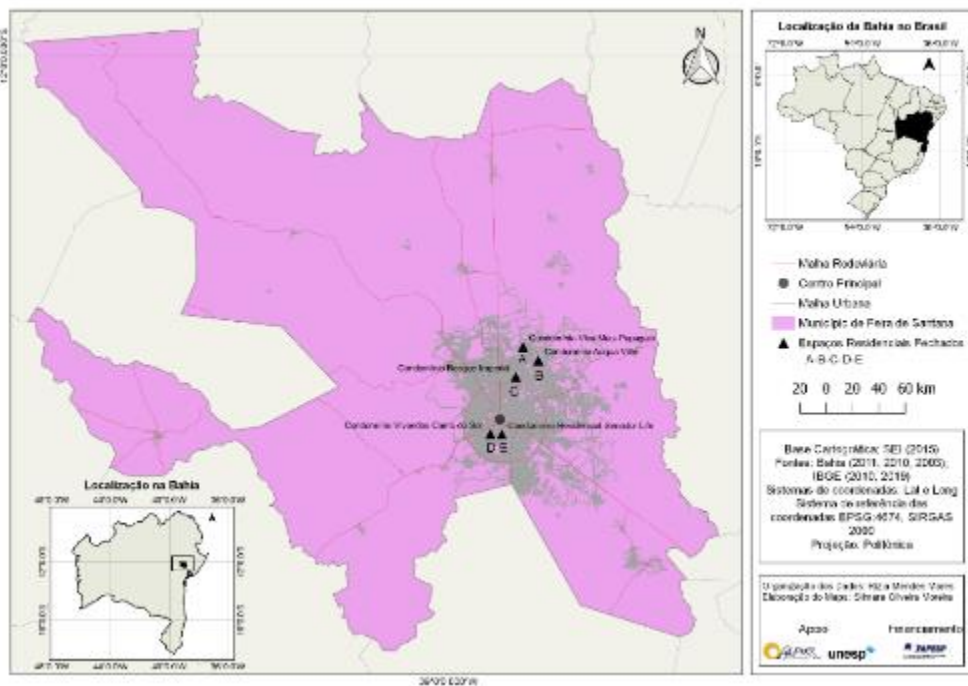


Figura 4. BAHIA. Cidade Média Feira de Santana. Localização dos habitats residenciais pesquisados. Trabalho de campo, 2019.



Soma-se aos produtos cartográficos apresentados (Figuras 2, 3 e 4) os croquis, segundo instrumento metodológico representacional, elaborados por moradores entrevistados, residentes nos habitats residenciais fechados pesquisados (Figuras 5 e 6), para analisarmos as condições do processo de diferenciação socioespacial verificado nas cidades baianas escolhidas lido, neste caso, através da distribuição dos habitats residenciais fechados, sejam os residenciais horizontais, de maior extensão, em proximidade com residenciais verticais, mais compactos, todos esses ambientes controlados com sistema de segurança e distanciados das moradias mais voltadas às políticas de habitação de interesse social.

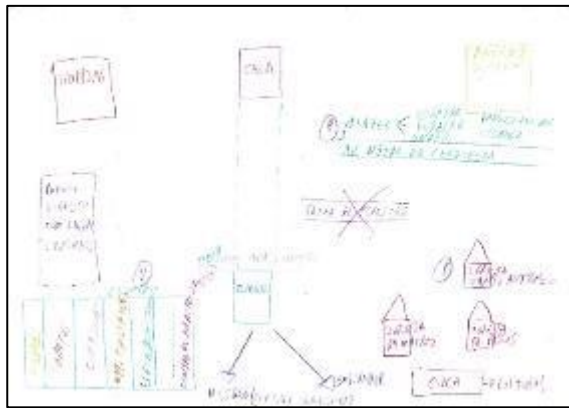


Figura 5. Croqui. MARRONE SANTOS, 45 anos, casado, curso superior, emprego formal, renda 26 SM. FEIRA DE SANTANA. Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019.

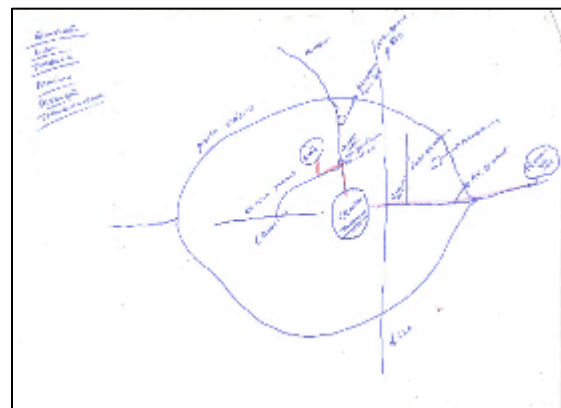


Figura 6. Croqui. MICHEL FILHO, 38 anos, casado, curso superior, emprego formal, renda 10 SM. VITÓRIA DA CONQUISTA. Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019.

Em se tratando das estratégias nas escolhas locacionais, conforme nos ajudam na explicação os croquis (Figuras 5 e 6), esses habitats são implementados fora do tecido urbano mais denso, indicando um duplo processo de dispersão territorial, seja distanciando-se do centro principal, seja valendo-se da centralidade exercida por esse na alocação em bairros pericentrais mantidos, até recentemente, como reserva de valor e que eram vazios urbanos, agora, densamente ocupados por segmentos socioeconômicos intermediários a altos de renda.

Essa complexificação na estrutura espacial é identificada tanto no plano das transformações intraurbanas, tomando cada cidade investigada, como também do ponto de vista da estrutura hierárquica que organiza os tipos urbanos investigados dispostos funcionamente de modos distintos no amplo território baiano, permitindo-nos refletir sobre a produção do espaço urbano na Bahia como resultado e condição da manutenção de uma estrutura desigual, podutora da diferenciação.



À exemplo da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna (Figura 2), ainda que com relativa permanência no modo de estruturação das cidades que conformam esse tipo urbano, identifica-se uma dinamicidade interna e entre as duas cidades que não está limitada aos limites político-administrativos de cada uma delas. Conforme descrição dos entrevistados, verificou-se densas interações expressas pelos intensos fluxos entre Ilhéus e Itabuna, com deslocamentos diários para atividades e demandas diversas do cotidiano, desde o mais básico, consumo alimentício, à funções mais complexas, como serviços médicos, compra de equipamentos especializados, por exemplo. (Figura 7)



Figura 7. BELL HOOKS, 44 anos, divorciada, curso superior, emprego formal, renda 10 SM. ILHÉUS. Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019.

Tem-se, assim, uma interação entre as cidades de Ilhéus e Itabuna por meio das funções urbanas desenvolvidas por cada cidade, mas também porque estes centros urbanos se articulam político, social e administrativamente em um processo de junção que não se realiza apenas por uma relativa continuidade do tecido urbano propiciado por um objeto técnico, a rodovia federal (BR 415), Rodovia Jorge Amado, como também por interações espaciais. Neste caso, além de reafirmarmos o conteúdo típico de uma aglomeração, há a identificação de papéis e funções que o tipo urbano – aglomeração urbana – desenvolve enquanto uma cidade média, comparativamente às funções e abrangência desempenhadas pelas demais cidades investigadas, Feira de Santana e Vitória da Conquista.

Outro fator são a infraestrutura, os equipamentos e serviços que dotam as moradias, tanto as horizontais como verticais, com esquemas de segurança em modernização técnica e operacional continuada, visíveis nas formas inscritas: altos e extensos muros, câmeras em todo o entorno, direcionadas à rua, carros de segurança patrimonial na porta de entrada desses empreendimentos e/ou em rondas em seu entorno, homens na função de



seguranças, limites físicos que selecionam/impedem a entrada nas imponentes e intimidadoras fachadas e portarias, nas quais até o contato visual com o trabalhador que ali opera essa “seleção/controla” não se estabelece.

A relação espaço-tempo é tensionada pela celeridade desse processo, significativa alteração na estrutura espacial dessas cidades e densificação de processos pré-existentes, como o da desigualdade, histórico na formação do território baiano, pois, o entendemos em interrelação com a diferenciação socioespacial, na medida em que o contexto descrito não apenas expõe as bases desiguais em que as cidades baianas têm sido produzidas, como também acirram a desigualdade social que se entrelaça ao movimento da urbanização contemporânea.

As desigualdades sociais relacionadas às lógicas de distribuição, localização e qualidade das habitações têm rebatimentos nas relações de sociabilidade e, por tendência, têm conduzido a uma separação social e espacial, ainda que relativa. Já que, com a implantação desses empreendimentos residenciais, há um reforço a um processo de concentração espacial em áreas distantes do centro principal, na periferia geográfica ou, pericentrais, sem com isso estarem afastadas de bens e serviços geralmente próprios às áreas centrais, pois, associados aos empreendimentos residenciais, relaciona-se a expansão de estruturas comerciais e de serviços (Figura 8).

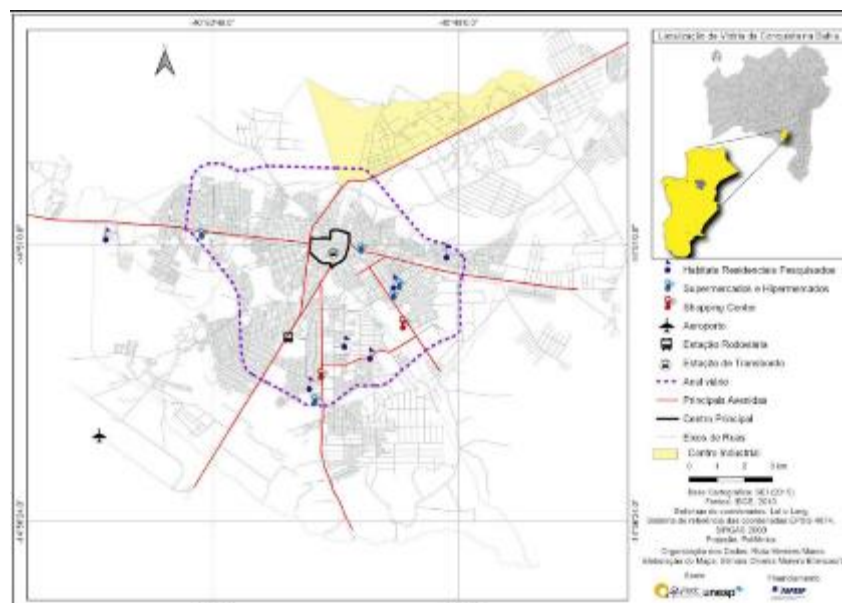


Figura 8. BAHIA. Cidade Média Vitória da Conquista. Estruturas espaciais de comércio e consumo localização dos habitats residenciais pesquisados. Trabalho de campo, 2019.



Ou seja, as áreas de concentração espacial desses habitats residenciais fechados têm sido equipadas com uma infraestrutura urbana, abarcando as necessidades mais imediatas desses moradores. A escolha por viver em habitats residenciais fechados, com controle de segurança e infraestrutura privativa como simuladora da esfera pública, associa-se a uma condição espacial que, nas cidades baianas pesquisadas, fá-los, além de espaços de uma sociabilidade segmentada, fechados, pois, não se trata apenas da sensação de proteção contra a violência da “cidade aberta”, mas, da segurança de saber quem é seu vizinho, quem consegue atravessar os muros e acessar este espaço, conforme expuseram Casagrande e Noberto através do primeiro instrumento metodológico representacional, o roteiro de entrevista semiestruturada:

*À princípio, no vertical, não foi por nada, foi por preço, localização. E aqui, foi por questão de **estar próximo da universidade**, por ser um **ambiente verde**, ser um ambiente **seguro**, guarita, porteiro 24h e **aqui eu tenho liberdade**. Eu sinto assim, eu não me preocupo com nada, nenhum item de segurança que eu estando em Ilhéus ou em Itabuna eu teria. Então, minha bicicleta que agora está guardada, mas ela vive na porta, não fecho a casa, **durmo com tudo aberto**, não tenho problema com segurança, então, assim, acho que a **segurança é em primeiro lugar**.*

(CASAGRANDE, 26 anos, solteiro, curso superior, emprego formal, renda 8 SM. ILHÉUS, grifos nosso)

*A escolha pelo condomínio foi porque **eu já queria ter a residência dentro do condomínio**. [...] aí eu queria um **condomínio de casas para ter mais privacidade** essas coisas, **ter um quintal**, se possível **trazer gente**, poder fazer suas coisas tranquilo, **não precisar da área comum**, por mais que a área comum tenha bastante coisas, mas você **ter um cantinho seu também**, para ser possível **fazer as coisas, além de apenas residir**, aí por isso que a gente optou por aqui [...] e escolhemos um condomínio também por conta **da área de lazer, segurança**, essa questão de você ter uma local com segurança maior, você pode também **deixar seu filho mais solto**, essa questão de segurança de veículos, de velocidade, **quem mora aqui**, câmeras, então, justamente isso que mais pesou também, na compra, não é. Se você for colocar a questão financeira é praticamente o valor de três casas quando se vem morar dentro de um condomínio. Mas, tem toda essa questão que foi o que me influenciou bastante no momento da aquisição.*

(NOBERTO SANTOS, 30 anos, casado, curso superior, emprego formal, renda 13 SM. VITORIA DA CONQUISTA, grifos nosso)

Tem-se uma manifestação decorrente de uma dupla determinação, ou de uma codeterminação, pois decorre tanto de uma maciça atuação de agentes de produção do espaço urbano, sobretudo, promotores imobiliários, fundiários, incorporadores e o próprio Estado, como, também, de representações associadas a tais espaços por distintos agentes que os identificam com uma suposta ou idílica qualidade de vida e determinadas condições de sociabilidade e de distinção, haja vista, a grande valorização empreendida e difundida via *marketing* e reforçada nas representações dos sujeitos-consumidores desses simulacros da vida urbana, o que é expressivo nos depoimentos de Luis Inacio e Marrone:



[...]Quando eu vi a maquete, que eu comprei na planta, eu comprei bem antes de estar pronto, então, quando eu vi o **projeto do condomínio eu me apaixonei**. Era exatamente assim que **eu ansiava**. Eu já tinha casa própria, a gente tem também casa de praia, mas eu imaginava assim um **perfil de segurança** realmente que passasse **e, de lazer**. [...]. Quem compra uma casa aqui não compra exatamente sua casa, compra toda **estrutura externa**, a estrutura externa é **muito mais apaixonante do que a casa em si**. [...] Aqui, então, a nossa decisão foi tanto minha como diz minha esposa, foi em função da área externa.

(LUIS INACIO, 51 anos, casado, curso superior, emprego formal, renda 17 SM, ITABUNA, grifos nosso)

Aí, quando foi em uma semana, peguei uma imobiliária, e como minha esposa sempre morou em casa, e eu em apartamento, aí eu falei, tenho experiência em morar em casa, aí **eu escolhi um bairro de casas** e me disseram que esse bairro do SIM antes **era uma área rural** e se desenvolveu e hoje tem vários condomínios de casas. Então, hoje em Feira de Santana é um bairro que tem **concentração de condomínios de casas, de médio e alto padrão**, ele é o referencial. Aí a preferência era morar uma casa nova, sem ninguém nunca ter habitado, e num condomínio fechado, não é, **com infraestrutura, assim, adequada, com piscina, quadra de esporte, lazer e tudo**.

(MARRONE SANTOS, 45 anos, casado, curso superior, emprego formal, renda 26 SM. FEIRA DE SANTANA, grifos nosso)

Condições essas marcadas por algum tipo de homogeneidade interna, por uma percepção de segurança e por um regramento que distingue os “de dentro” e os “de fora”. Tal quadro opõe, ainda que no plano das representações, tais habitats da “cidade aberta”, o que identificamos pela percepção dos sujeitos. Além disso, como evidenciado na Figura 9, com base nas escolhas dos sujeitos entrevistados e da sua condição espacial, temos identificado práticas espaciais, frequênciação e consumo atomizados da cidade.

O que nos permite debater sobre uma relativa perda da noção de totalidade por uma produção fragmentária da cidade e, principalmente, seu uso de modo parcelar reforçando os tensionamentos nas relações de sociabilidade (Figura 10 e 11). Outro impacto se dá na relação público-privado, visto como um processo de produção da lógica fragmentária que explicaria a redefinição do par público-privado.

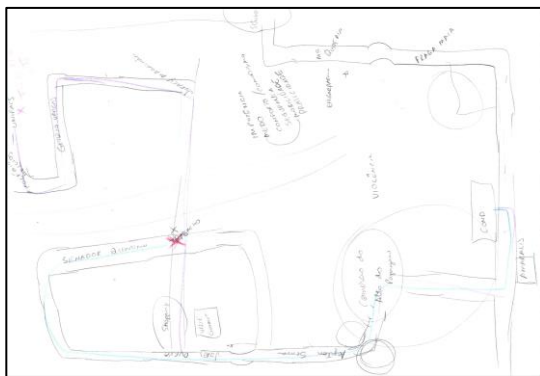


Figura 9. Croqui. SIMONE MOREIRA, 32 anos, casada curso superior, emprego formal, renda 11 SM. FEIRA DE SANTANA. Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019.

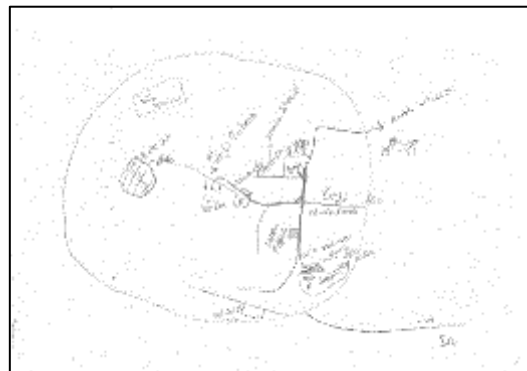


Figura 10. NOBERTO SANTOS, 30 anos, casado, curso superior, emprego formal, renda 13 SM. VITORIA DA CONQUISTA. Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019.

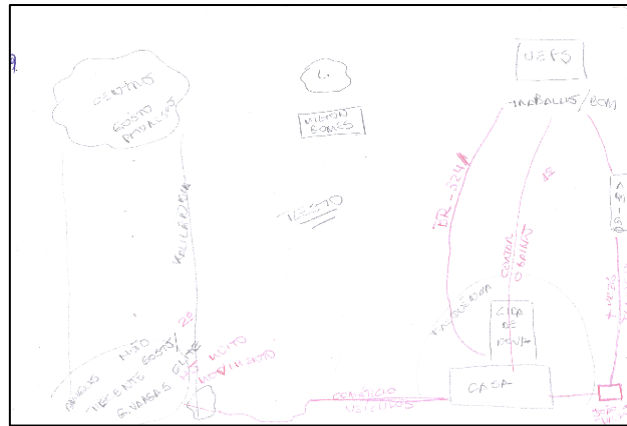


Figura 11. RUTE SANTOS, 61 anos, divorciada, curso superior, emprego formal, renda 13 SM. FEIRA DE SANTANA. Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019.

Condição que advém do entendimento dos habitats residenciais fechados como indutores e resultantes de um distanciamento físico, mas, também, ideológico dos sujeitos que optam por esse modo de vida. A tal reflexão acresce-se elementos que nos permitem acessar ainda mais as subjetividades imbuídas nas práticas espaciais desses sujeitos para uma análise multidimensional do processo de produção dessas cidades, como pode ser verificado no Quadro 1, onde categorizamos sensações e sentimentos atribuídos à significação da experiência urbana dos entrevistados, no terceiro instrumento metodológico representacional.

**Quadro 1. Aglomeração urbana (Ilhéus). Significados/Imagens de Ilhéus, conforme as qualidades e sentimentos.**

**(CASAGRANDE, 26 anos, solteiro, curso superior, emprego formal, renda 8 SM. ILHÉUS)**

Imagens	Adjetivos/Qualidades	Sentimentos
<b>Pertinência</b>	Mar, a orla.	Sensação de liberdade. Tranquilidade. Paz.
<b>Contraste</b>	Morros. Pontal. Ocupação. Habitação. Empreendimento imobiliário.	Diferença. Desigualdade. Valorização.
<b>Agradabilidade</b>	História. Casa Jorge Amado. Praça da igreja. Vesúvio.	Importância histórica.
<b>Insegurança</b>	Ruas desertas. Estacionamentos, celular. Noite.	Medo. Ter cuidado. Insegurança.

Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019. Tratamento de informação: processo de categorização. Organização: Mares (2021).

Temos, assim, esse espaço: como produto, com base nos elementos distintivos veiculados à vida intramuros, especialmente pelo *marketing* imobiliário; como condição, ao aprofundar as desigualdades; e como meio para reforçar a cisão espacial e modificação nas relações de sociabilidade. Do mesmo modo, retroalimenta o processo desigual em



que fora constituído. Trata-se, portanto, da ocorrência de um processo de homogeneização que implica ou decorre de uma padronização idealizada.

O quarto e último instrumento metodológico representacional é a metáfora. O processo de metaforização é utilizado como processo eficaz nas questões aqui aventadas por jogar luz sobre dimensões subjetivas de difícil acesso e tratamento. Possibilita-nos acessar muitas informações, por nos direcionar a outras dimensões analíticas, difíceis de tratar, de analisar e de formular o que facultam. Trata-se de mais um instrumento e modo de se apreender a dimensão social do imaginário do cidadão, expressando-se nas representações do espaço, como pode ser observado nos Quadros 2 e 3.

Quadro 2. Tipo urbano: Aglomeração urbana (Ilhéus-BA)							
<b>ID:</b> ALDA	Gênero: F	Idade: 45	Escolaridade: Superior Completo	Est. Civil: Casada	Tempo de residência*: 2	Renda**: 17	Ocupação: Dentista
<b>Estrutura</b>	Cognitivo (desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros.)						
<b>Significado</b>	O meu lugar. Eu vim para cá com 4 anos de idade, foi aqui que me criei. Saí para estudar, mas acabei voltando, então é que eu vivo. Não tem nada especificamente, não. Acho que é muito mais pelo fato de ter vindo para cá muito nova, <b>a questão é familiar</b> mesmo, não é? Acho que é muito mais pelo apego familiar, ter conseguido aqui ... fui criada aqui, minha família vive aqui, não tinha porque ir embora, conseguir a oportunidade de trabalho, montar o consultório, de trabalhar. Então é mais o apego familiar. <b>Não Itabuna especificamente. Não tem um atrativo específico</b> , entendeu?						
<b>Qualidade</b>	É uma cidade bonita. Eu gosto daquela Beira Rio ali (Avenida principal da cidade - essa referência não entrou no mapa feito por ela)) apesar do rio está contaminado, não é? Malcheiroso, mas eu gosto, eu gosto daquela área ali da Beira Rio, é perto do meu trabalho, eu acabo passando por ali. Sempre passo por ali admirando, olhando as árvores, vendo como está o dia. Eu curto. Me sinto bem.						
<b>Sentimento</b>	Acho que é mais a convivência familiar do que o aspecto físico de Itabuna, entendeu? Familiar e de amigos. Muito mais essa <b>questão pessoa do que física mesmo</b> .						
<b>Metáfora</b>	<b>A propaganda do condomínio onde vivo: “Venha viver o melhor”, sabe?</b>						
<b>Sentido</b>	E eu acho que independente do que eu falei, de questões que a gente ainda precisaria para viver melhor, eu sinto que eu vivo no melhor. No melhor assim, que eu estou satisfeita com o que eu estou vivendo, poderia ser melhor, mas para mim ... tenho minha família, tenho meu trabalho, tenho meu lazer, eu me sinto muito satisfeita. Em termos de vida, não tenho do que reclamar, não. Satisfação de um modo geral.						
<small>*em anos. ** Em quantidade de salários mínimos no ano de referência (2019). Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019. Tratamento de informação: processo metaforização. Organização: Mares (2021).</small>							





**Quadro 3. Tipo Urbano Aglomeração urbana (Ilhéus-BA)**

ID	Gênero	Idade	Escolaridade	Estado civil	Tempo de residência	Membros/Família	Renda	Ocupação
Bell Hooks	F	44	Doutora	Divorciada	4	3	10	Professora Universitária
<b>Estrutura</b>	Cognitivo (desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros.)							
<b>Significado</b>	Sinceramente, eu tenho uma condição de vida muito mais desejável aqui do que naqueles condomínios de padrão, teoricamente mais compatíveis com padrão de uma professora universitária. Eu prefiro a sociabilidade que meus filhos têm aqui, do que num desses condomínios, sabe. Falo dos valores sociais mesmo, para a gente pensar em educação para cidadania, porque Ilhéus é uma cidade extremamente preconceituosa, racista, machista, truculenta.							
<b>Qualidade</b>	Belezas naturais, Ilhéus tem umas opções de lazer que são referência; fácil acesso ao aeroporto.							
<b>Sentimento</b>	Ilhéus me fez entender também nessa organização social. Eu percebi que é apenas uma passagem distinta do machismo, onde o corpo da mulher é mais objeto do que em qualquer outro lugar. É um objeto que se torna público, onde, nos outros lugares, a mulher é um objeto que se liga a um pertencimento. Enfim, um aprendizado para mim como professora, como mãe, com mulher brasileira, cientista. Isso a gente vai ver em qualquer lugar do Brasil e até do mundo. Sem dúvida, não é? Mas, aqui tem um valor um pouco maior o ser uma mulher bonita, não valor social, isso é, um valor de uso.							
<b>Metáfora</b>	<b>Escravidão no Brasil</b>							
<b>Sentido</b>	A partir da minha experiência de habitação em Ilhéus eu conheço a história da escravidão no Brasil. Acho que é isso aí. Eu comecei a estudar e entender melhor o que a gente falava sobre a escravidão no Brasil quando eu cheguei aqui, nas relações sociais, na organização do espaço, machismo, sabe. Uma série de resquícios que a gente se encontra todo dia andando pela cidade de Ilhéus. Aquela pseud. elite que se acha branca, mas não é. Se acha rica, mas não é. A elite do atraso se a gente vai usar um termo referente à classe dos feitores modernizados. É isso aí. Em Ilhéus é muito mais evidente que qualquer outra cidade que eu já morei.							
<small>*em anos. ** Em quantidade de salários mínimos no ano de referência (2019). Fonte: Trabalho de campo, Ilhéus/BA, 2019. Tratamento de informação: processo metaforização. Organização: Mares (2021).</small>								

O destaque atribuído à infraestrutura ofertada nos habitats residenciais fechados compõe as concepções daqueles residentes como sendo um ideal de bem-estar, de qualidade de vida, do que o torna diferencial em relação ao seu entorno. Tendo, no interior desse empreendimento, a realização da vida circunscrita ao que nele puder ser inserido e realizado, passando a direcionar as práticas dos moradores em relação às demais dimensões do cotidiano e indicando não só com quem se relacionar, mas também, em que condições a sociabilidade deve se realizar.

A mesma infraestrutura urbana é usada como estratégia de *marketing* ou uma política urbana para comercialização dos habitats residenciais associando, na primeira vista, uma ideia da aquisição da propriedade, que para muitos de nosso(a)s entrevistado(a)s já não seria a primeira aquisição, a uma ideia de conforto e bem-estar, proporcionada pela segurança e pelo lazer que a cidade aberta não oferece de modo



qualificado. Estes últimos itens se sobressaem em relação à necessidade da casa, da moradia, em si.

Contudo, na medida em que avançamos a extratos de renda mais elevados, as estratégias de *marketing* incorporam elementos que estão além do básico, passam a trabalhar com as subjetividades dos cidadãos no que toca a condições simbólicas ligadas ao *status*, à posse, à distinção.

Em que pese uma aparente igualdade interna, estes espaços definem-se por contraposição ou contraste ao que está fora. Associando os dados socioeconômicos e a disposição espacial entre diferentes “projetos” de habitação, aqueles impostos socioeconomicamente e aqueles impostos socioculturalmente, verificamos caminhos de análise sobre a diferenciação e desigualdade socioespacial e dos elementos que têm nos permitindo refletir sobre uma possível lógica fragmentária de estruturação das cidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O uso da cidade adquire sentido de troca e sua apropriação se dá pelas relações de mercado expressas, na atualidade, pelo difundido modo de morar em habitats residenciais fechados, um referencial de estilo de vida distintivo, enfaticamente mais restritivo e seletivo, expandindo-se como referencial na e da cidade contemporânea.

A análise proposta indica haver um atravessamento do mercado na relação estabelecida entre os sujeitos e a casa e referem-se, por exemplo, à função subjetiva da casa, em que pese o entendimento das noções de necessidade (déficit habitacional) e aprofundamento de distanciamentos e segmentações espacial e social.

Também pudemos avaliar como se estruturam as relações de sociabilidade e interações espaciais pensando usos e apropriação do espaço urbano e dos conflitos e contradições atinentes. Aspectos como a necessidade e satisfação, os meios e os resultados do consumo são potencializadores e criadores de representações e estereótipos característicos como subjetividades da prática espacial carregada de simbologia.

A contradição entre o habitar e o habitat apontada por Lefebvre (2008) nos leva a refletir e repensar o direito à cidade na atualidade, na medida em que a condição espacial não se limita, portanto, a morar em um dado tipo de habitação, mas quando este morar passa a ser representativo de um modo de conceber e de viver a cidade.



Por fim, as representações, enquanto mediação, associadas a instrumentos metodológicos que permitem acesso à realidade que se deseja alcançar pela análise das práticas espaciais, mostram-se como uma importante contribuição para os estudos geográficos. Para o caso em tela, o reconhecimento de que as representações da realidade se localizam nas e pelas operações da vida cotidiana reforça o papel das representações no processo de produção e apropriação do espaço citadino.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Brasil (FAPESP)  
Código de Financiamento 2018/12685-1.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. M. S. **A produção do espaço urbano periférico e a questão habitacional em Feira de Santana: o programa minha casa minha vida no bairro da Mangabeira, entre 2009-2014.** 390fls. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, 2016.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI.** São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002, (tradu. Antonio de Pádua Danesi), 3 ed., 266p.
- BITOUN, J.; MIRANDA, L. (Orgs.). **Tipologias das cidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrôpoles, 2009, 270p.
- CORRÊA, R. L. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades.** v. 4, n. 6, 2007, p. 62-72.
- DICIONÁRIO DO IMOBILIÁRIO. **Habitação.** Construção. Urbanismo, CIVIS, Informação do cidadão e da empresa Lda. Carcavelos, 1996.
- FIGUEREDO, A. A. de. **Espaços residenciais fechados em Feira de Santana (1987-2018): uma análise do direito à cidade.** 2019. 141f. Relatório Técnico (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, Feira de Santana, 2019.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne - III - De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien).** Paris: L'Arche, 1981.
- LEFEBVRE, H. **La producción del espacio.** Madrid: Capitán Swing, 2013.
- LEFEBVRE, H. **A linguagem e a sociedade.** Lisboa: Ulisseia, 1966.
- LEGROUX, J. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. **GEographia**, vol: 23, n. 51, 2021, p.1-19, DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a47518>
- MARES, R. M. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. **Geografia em Atos (Online)**, [S.l.], v. 5, n. 12, p. 82-98, jul. 2019. ISSN 1984-1647. doi: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6555>.
- MERLIN, P.; CHOAY, F. **Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Alménagement.** Paris: PUF, 1988.
- RANGEL, M. C.; THEVENIN, J. M. R. Para além da crise cacauieira - a expansão dos condomínios fechados em Ilhéus-BA: uma análise preliminar da cidade estendida. **Geoiंगा:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v. 10, n. 1, p. 59-83, 2018, DOI: <https://doi.org/10.4025/geoinga.v10i1.49392>



- ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**: A colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015, 424 p.
- SANTOS, J. P. dos. **Produção dos espaços da periferia urbana de Vitória da Conquista /NA na contradição capital versus trabalho**. 2019. 181f. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Vitória da Conquista, 2019.
- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 5ª ed., 3.reimpr., 2013, 176p.
- SILVA, S. C. B. de M.; FONSECA, A. A. M. da. Políticas territoriais de integração e fortalecimento dos centros urbanos do estado da Bahia/Brasil. **IX Coloquio Internacional de Geocrítica**, UFRGS, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <  
<https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1346>
- SPOSITO, M. E. B. Diferenças e desigualdades em cidades médias no Brasil: da segregação à fragmentação socioespacial. **Congress of the Latin American Studies Association**, Boston, USA, May 24 - May 27, 2019, 1-25p.
- TRINDADE JR. Saint-Clair C. da. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro, 2011, 21p.
- VASCONCELOS, P. de A. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013, p.17-35.
- WHITACKER, A. M. Redes urbanas: redes hierárquicas e redes não hierárquicas. **Espaços Urbanos**. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2013. [material didático].